

# ESTUDOS LITERÁRIOS E LINGUÍSTICOS/DISCURSIVOS NA AMAZÔNIA PARAENSE

(Livro de trabalhos do IV EVEL)

Marcos dos Reis Batista  
Suellen Cordovil da Silva  
Organizadores

## **Autores e autoras**

---

Ana Paula Vieira e Souza	Joyce Cristina Farias de Amorim
Antonia Camila Paulino Sales	Malúzia Ribeiro da Cruz e Rosa
Arlen Maia de Melo	Marcilene Damasceno Xavier
Cristiane de Mesquita Alves	Marcos dos Reis Batista
Cristina de Nazaré do Carmo de Souza	Maria Adélia Santos da Cruz
Danilo de Sousa Ferreira	Mayara Haydee Lima Sena
Elinaldo Chaves dos Santos	Míriam Cemira Pereira do Nascimento
Fernando Soares Lago	Paula Aleixo da Conceição
Haline Fernanda Silva Melo	Rayene Maria do Nascimento
Helder Fabricio Brito Ribeiro	Renato Carlos Dias de Oliveira
Hellen Cristina Aleixo Azeredo Moura	Sandra Regina Silva de Almeida
Janice Souza Santos	Thais Santana dos Santos
Joana Darc Almeida Barreto	Thomas Massao Fairchild
José Guilherme de Oliveira Castro	Vanda Ester Lira Costa
	Wellingson Valente dos Reis

*fi* editora *fi*

**ALTERIDADE E ANTROPOFAGIA: FORMAÇÃO  
IDENTITÁRIA E A RELAÇÃO COM O OUTRO EM UM  
ESTUDO DE *O MANIFESTO ANTROPÓFAGO* DE  
OSWALD DE ANDRADE**

*Arlen Maia de Melo*

*Mayara Haydée Lima Sena*

Universidade Federal do Pará (UFPA)

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Este trabalho surgiu a partir dos estudos literários no âmbito do Curso de Letras (Língua portuguesa) do Campus Universitário de Castanhal da Universidade Federal do Pará no qual foi abordado o contato com os principais influentes no modernismo brasileiro a partir da semana de arte moderna de 1922, realizada na cidade de São Paulo. Dentre estes intelectuais, toma-se por destaque desta pesquisa o nome de José Oswald de Sousa Andrade, importante poeta modernista brasileiro.

**OBJETIVOS**

Os objetivos deste trabalho concernem em fazer um retrato da vida e da poética de Oswald de Andrade, com o intuito de analisar a sua produção literária – marcada por rupturas, tais como, os costumes e estéticas literárias da época e, ao mesmo tempo, de compromisso com uma estética literária genuinamente nacional –, além de enfatizar sua importância para a literatura brasileira e para o movimento estético que ajudou a criar, ou seja, o Modernismo. Além disso, objetivamos com este texto:

- 1) apresentar as características da Poética de Oswald de Andrade;

2) analisar o *Manifesto Antropófago* (1928), estabelecendo a metáfora antropofágica proposta por Oswald de Andrade;

3) estabelecer a relação da obra oswaldiana e sua metáfora antropofágica com a relação da morte na cultura indígena apresentada por Viveiros de Castro.

Para tanto, tomamos como base os seguintes autores: Fausto (2011), Freud (1919/1974), Arendt (2007) e Viveiros de Castro (2002).

## **JUSTIFICATIVA**

Este trabalho divide-se em três seções, no primeiro momento iremos discorrer acerca da vida e obra do autor, enfatizando também o movimento estético ao qual pertenceu. Posteriormente, faremos a análise do *Manifesto Antropófago* (1928). E, por fim, no terceiro momento apresentamos a relação da morte e o processo de humanização no ritual antropofágico evidenciando, assim, a alteridade; reforçadas pelo referencial teórico desta pesquisa.

## **VIDA E OBRA DO AUTOR**

José Oswald de Sousa Andrade, nasceu em 11 de janeiro de 1890 em São Paulo, filho de José Oswald Nogueira de Andrade e Inês Henriqueta Inglês de Sousa Andrade. Oswald casou-se várias vezes e boa parte de sua produção advém da inspiração provocada por seus “amores”, principalmente do relacionamento com Tarsila do Amaral – grande pintora modernista que esteve presente na Semana de Arte Moderna de 1922 –, evento ocorrido no Teatro Municipal de São Paulo. O autor foi presenteado por Tarsila com a obra *Abaporu* (1928), que resultou na produção/publicação de seus manifestos posteriores.

A produção literária de Oswald de Andrade encontra-se na primeira geração modernista conhecida como a fase heroica. Esta fase foi marcada por rupturas, tais como, os costumes e estéticas da produção literária e ao mesmo tempo, de compromisso com uma inovação literária genuinamente brasileira. Não se pode falar desse autor sem mencionar a Semana de Arte Moderna de 1922 que foi um dos principais meios de divulgação dessa renovação literária. Iniciou-se, assim, o Modernismo no Brasil, essa primeira fase teve como principais expoentes, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Di Cavalcante, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Victor Brecheret e Guilherme de Almeida.

Oswald de Andrade, absorveu muito das vanguardas europeias durante suas viagens, isso se uniu com a inspiração e com espírito renovador do autor, ao querer trazer ao Brasil uma nova forma de expressão estética para a arte literária. A vontade de fazer algo novo era o que movia os artistas dessa primeira fase modernista, eles buscavam romper com o tradicionalismo literário e, com isso, “chocar” a sociedade da época com o livre estilo artístico que surgia naquele momento.

### **Principais Obras:**

A bibliografia de Oswald de Andrade é autêntica e exclusiva na produção literária brasileira. Suas principais obras são: *Pau-Brasil* (1925-Poesia); *Primeiro caderno do aluno de poesia O.A* (1927-Poesia), assim como, produções voltadas à prosa, *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924-Romance) e *Serafim Ponte Grande* (1933-Romance).

### ***O MANIFESTO ANTROPÓFAGO (1928)***

Passamos nesta parte do trabalho a abordar a obra *O Manifesto Antropófago* (1928) de Oswald de Andrade, observando suas características e analisando a obra.

A Antropofagia caracterizou-se como um ritual bastante significativo na cultura indígena, principalmente nas civilizações latino-americanas. Diferentemente das práticas canibais que caracterizam o ato de se alimentar de carne humana em um aspecto prazeroso, o ritual antropofágico remetia à extrema consideração, respeito e admiração pelo outro.

A prática de devorar carne humana, assim, remetia ao contato próximo com os deuses, uma ligação ritualística promovida pelo sacrifício humano e a distribuição do cadáver em banquetes cerimoniais demonstrava a união entre os membros daquele grupo social fazendo com que essa aproximação com o sagrado estivesse intrinsecamente relacionada com a crença de incorporação das potencialidades e das forças do inimigo.

Toda essa ritualística apresenta uma relação similar com os rituais cristãos. Nesse âmbito, podemos considerar uma forma de associação entre os ‘sacrifícios’ ocidentais e aqueles ditos “não-europeus” ou “pagãos” como podemos observar nas palavras de Neves.

Na tradição cristã a comunhão é marcada pela ingestão do corpo de Cristo, a fim que os seus seguidores possam, pelo sangue e pela carne do justo, se ver livre de suas fraquezas e imperfeições. Na tradição sacra indígena, o ato de devorar o adversário indica respeito por suas virtudes e a esperança de que estas se incorporem aos que o devoram, sem, contudo, representar uma renúncia à própria cultura, posto que assim, elas devem se manifestar nos modos e na forma apropriada à cultura do devorador (NEVES, s.d., p. 2).

A antropofagia, nesse âmbito, está atrelada em dois eixos, no qual, identifica-se o sentido literal remetendo à crença indígena e à designação literária em que Oswald de Andrade propõe. Desse modo, ao observá-la em um contexto oswaldiano podemos considerá-la uma metáfora do outro que apresenta múltiplas significações. Em outras palavras, podemos resumi-la,

sinteticamente, como uma imaginação teórica de apropriação da alteridade.

O Antropófago é a imagem do outro, cuja humanidade é negada. Em seu Manifesto Antropófago, publicado em 1928, Oswald de Andrade juntamente com Raul Boop e Alcântara Machado desenvolveram a corrente antropofágica, no qual propuseram a reinterpretação moderna da cultura e das técnicas artísticas europeias. As reflexões desses autores foram apresentadas ao decorrer das suas produções na revista de antropofagia, editadas no jornal Correio da Manhã, distribuído em São Paulo.

Oswald de Andrade se apropria dos conhecimentos absorvidos em contato com as vanguardas europeias em suas viagens e apresenta um caráter simbólico, uma ressignificação para a identidade literária brasileira possibilitando o crescimento intelectual através dos recursos que vem de fora.

As características referentes a estrutura do manifesto são traços que refletem a poética autêntica oswaldiana na medida que apresentam o uso recorrente de reticências, estrangeirismos, frases curtas; demonstrando, com isso, o rompimento com a linearidade. O radicalismo em manter uma cultura literária, essencialmente, brasileira é deixado de lado quando se utiliza uma intertextualidade com a frase célebre de William Shakespeare “Tupi, or not tupi that is the question” (ANDRADE, 1928)

A língua tupi referenciada pelo autor evidencia o seguinte questionamento: De fato, apresentamos ou não uma identidade indígena? A configuração brasileira está centrada em uma autenticidade. Desse modo, atentamos para os trechos iniciais do manifesto antropófago em que Oswald de Andrade destaca a problemática de assimilação da antropofagia em um sentido crítico.

Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz. Tupi, or not tupi that is the question. Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago (ANDRADE, 1928, s/p.).

Esta consideração do autor traz à tona as teorias freudianas sobre o inconsciente, das quais podemos observar nos elementos da narrativa fantástica, fazendo analogias profundas sobre as concepções das crenças dos povos ameríndios. Nesse contexto, percebemos o nacionalismo crítico e a autenticidade brasileira que o referido autor nos remete com o intuito de assimilar a cultura alheia e desestruturar paradigmas que ainda perduram no Brasil.

### **ALTERIDADE E ANTROPOFAGIA: A RELAÇÃO ENTRE A MORTE E O OUTRO**

A antropofagia de acordo com Fausto (2011) se caracteriza como absorção das qualidades do outro adquiridas como substâncias externas. Nesse sentido, a relação de alteridade é evidenciada na prática ritualística, na medida que o praticante da ação aniquiladora exerce sobre sua 'presa' a função de destituídor da subjetividade humana, caracterizando o início da morte subjetiva do homem. Com isso, a

"Apropriação de capacidades e perspectivas que, para se tornarem próprias, devem ser consumidas e familiarizadas. O objetivo do matador é, pois, tornar sua presa inconsciente, fazer com que perca consciência de si. Seu desejo é apropriar-se da perspectiva do outro e colocá-la sobre seu controle, torná-la outra consciência-de-si. (FAUSTO, 2011, p.168)

A relação sacra estabelecida nos rituais antropofágicos ressalta a seriedade a qual eram submetidos os indivíduos da tribo. O prisioneiro se encontrava aos cuidados dos membros da aldeia, até às vésperas do sacrifício. Nesta passagem de Fausto (2011)

conseguimos evidenciar claramente a importância da antropofagia e o ritual que era realizado.

[...] a antropofagia, mais do que fato institucional ou prática cultural historicamente datada, é um esquema relacional básico nas cosmologias indígenas: um esquema que não se limita à relação de predação entre humanos, mas se aplica à predação de todos os entes dotados de capacidades subjetivas". (FAUSTO, 2011, p.161)

"[...] Capturado na guerra, ele era adotado pela família de seu futuro algoz, que o alimentava e protegia. [...] A condição social do cativo alterava-se, no entanto, às vésperas da execução, quando era reinimizado. Prendiam-no, separavam-no de sua família de adoção, faziam-no assumir novamente a posição de inimigo e o submetiam à um rito de captura. Por fim, era morto e devorado." (FAUSTO, 2011, p. 165)

O ritual de sacrifício proporcionado por certas tribos indígenas no período de colonização no Brasil, se dava a partir da familiarização do indivíduo capturado para só a partir da convivência a apropriação das características seriam realizadas a partir da ritualística estaria, por assim dizer, completa. Assim sendo, os estudos de Freud sobre o estranho complementam essa afirmação na medida que

[...] aquilo que é 'estranho' é assustador precisamente porque não é conhecido e familiar. Naturalmente, contudo, nem tudo o que é novo e não familiar é assustador; a relação não pode ser invertida. Só podemos dizer que aquilo que é novo pode tornar-se facilmente assustador e estranho; algumas novidades são assustadoras, mas de modo algum todas elas. Algo tem de ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho. (FREUD, 1919/1974, p.2)

A análise antropológica da sociedade indígena de acordo com Viveiros de Castro deve ser entendida como externa ao ser. As divergências culturais coincidem a partir das diferenças entre elas,



desse modo, as diversas manifestações exercidas por determinadas culturas devem ser entendidas e valorizadas em sua singularidade. Como observamos neste fragmento que segue

[...] a seres espirituais correspondentes a seres reais-atuais: yanumáka-kumã é a onça sobrenatural; iishá-kumã, a canoa monstruosa dotada de animação, que figura em um mito; pitôpo-kumã, o bem-te-vi espiritual patrono dos xamãs. A todos os seres e coisas que figuram nos mitos: descritos pelo termo comum, quando eu perguntava se tal ou tal entidade era “a mesma que” ou “como a que” vemos hoje, respondiam-me: “não, é (X)-kumã” (CASTRO, 2002, p. 21)

Essa relação entre o real e o sobrenatural se evidencia na medida que o fato da morte suscita na sociedade uma peculiaridade a partir de cada povo, cultura ou sociedade. As tribos indígenas estudadas na Amazônia são grandes representantes de uma cultura desvalorizada e considerada inferior à cultura Ocidental.

A narrativa mítica indígena é rica na abordagem e tratamento da morte por propagar suas histórias através da narrativa fundadora -narrativa mãe-, divulgada de geração em geração. As divindades personalizadas através da figura humana, refletem suas potencialidades adquiridas através de uma vivência terrena perpetuada de sentidos simbólicos.

A morte adquiriu ao longo do tempo um caráter privado, sendo escondida do meio público. Nesse aspecto, pode-se refletir sobre o período da Idade Média em que a morte era presenciada por um grande número de pessoas sendo elas crianças e demais familiares do indivíduo falecido. O fantástico na cultura indígena se caracteriza a partir da personificação dos mortos em sua incorporação em determinado corpo vivo, sendo eles, elementos da natureza, animais, e o próprio homem. Os indígenas não apresentam medo dos vivos, mas sim dos mortos, entende-se assim, que o culto ritualístico de diversas tribos dá ênfase as entidades que são caracterizadas como inimigas.

A relação antropofágica está inserida nesse intuito da absorção desses elementos perpetuados através da separação do corpo físico e corpo espiritual. A familiaridade entre o paradoxo entre os mortos e os vivos se caracteriza numa rivalidade entre vivos ambos. Há uma proximidade eufemistas entre o encaramento da morte para os índios, nesse ponto, a incorporação do espírito humano em um corpo animal se dá através da hereditariedade propagada pela cultura indígena de que o espírito humano se perpetua em corpos outros. Assim sendo, de acordo com Viveiros de Castro.

"Há, como se poderia esperar, uma variedade de ressonâncias simbólicas particulares a diferentes espécies ou ordens animais: a raposa é associada aos mortos, cujas almas viram esse animal à noite (ou viram cobras); as borboletas estão ligadas a Apasha; a arara vermelha, ao Sol; a harpia e a onça, aos chefes (enfeites de couro e garras de onça são usados exclusivamente pelos amulaw); o jacaré, ao pequi; os pássaros, como já disse, aos jovens. Talvez seja possível, além disso, propor uma analogia entre os peixes e os grupos convidados nas cerimônias interaldeias, se recordarmos que esses animais foram os primeiros opositores de Sol e Lua na festa dos mortos. Quanto aos vegetais, a mandioca e o pequi estão associados às mulheres; os eméticos, aos reclusos homens; várias raízes e plantas, como a pimenta e o tabaco, aos xamãs. (2002, p. 34-35)

Essa ligação entre a vida humana e a natureza que o circunda está estreitamente associada na cultura indígena. Essa junção evidencia a relação estabelecida entre o ser e o outro, nesse sentido: " O Outro é o Próprio, e vice-versa. Como se estivéssemos diante destas duas proposições: todo modelo apresenta uma superabundância ontológica; toda superabundância é monstruosamente outra. (CASTRO, 2002, p. 21)

Diante da comparação à cadeia dos animais o homem está centrado numa diferenciação dos demais, por apresentar a capacidade de humanização adquirida pela sensibilidade ao

semelhante de sua própria espécie. De acordo com Fausto: "[...] dentre todos os seres, os humanos são aqueles que mais claramente possuem, por assim dizer, os atributos da humanidade: ação, interação e perspectivas próprias". (FAUSTO, 2011, p.161)

De acordo com a obra de Arendt – *A Condição Humana* (2007) – encontra-se a reflexão acerca da 'humanidade' adquirida pelo homem através de um processo social, ou seja, o homem é isento de humanidade no início da vida e, só adquire tal aspecto a partir de sua interação com o outro através de expressões, sentimentos, etc. Nesse contexto, a autora apresenta-nos o espaço em que o homem está inserido, sendo eles: a *esfera pública: o comum*, aqui considera-se o espaço onde o indivíduo apresenta uma voz que é expressada e é notoriamente escutada, abrangendo um alcance considerável em caráter social e a *esfera privada: a propriedade* – neste ponto, tratada em sentido de 'privação', destituição da vida pública. A partir dessas considerações nota-se que

“É em relação a essa múltipla importância da esfera pública que o termo ‘privado’, em sua acepção original de ‘privação’ tem significado. Para o indivíduo, viver uma vida inteiramente privada significava, acima de tudo, ser destituído de coisas essenciais à vida verdadeiramente humana: ser privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação ‘objetiva’ com eles decorrente do fato de ligar-se e separar-se deles mediante um mundo comum de coisas, e privado da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida. A privação da privatividade reside na ausência de outros; para estes, o homem privado não se dá a conhecer, e, portanto, é como se não existisse. O que quer que ele faça permanece sem importância ou consequência para os outros, e o que tem importância para ele é desprovido de interesse para os outros. (ARENDR, 2007 p. 68)

Nesta perspectiva humanística do ser proposta por Arendt percebe-se que a formação humana e intelectual deste mesmo homem é permeada por experiências em sua vida cotidiana,

tradições, culturas e entorno propiciando uma formação objetivada pelas capacidades externas ao ser. Assim, estas experiências podem contribuir e muito para uma melhor ou pior resposta deste indivíduo para a sociedade e para os que estão ao seu redor, dependendo do seu processo humanitário.

A configuração de elementos fantásticos, seja através do espaço da floresta, personificação de entidades e assombrações ou até mesmo a relação de proximidade entre o verossímil e inverossímil, evidenciam a riqueza no que tange às narrativas míticas indígenas. Os processos culturais e a relação de tratamento com o outro se complementam estreitando o plano entre o real e o imaginário.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos considerar Oswald de Andrade como um dos mais criativos artistas brasileiros de todos os tempos pois, sua produção revolucionou as artes no país colocando em evidência sua criatividade e sua criticidade em um cenário nacional novo e com interesse pulsante na renovação cultural brasileira. Sendo assim, consideramos satisfatória nossa dedicação quanto ao conhecimento de sua poética e reflexão diante do movimento modernista que colocou em pauta vários aspectos como a nacionalidade, a brasilidade e a desconstrução de mitos e/ou estereótipos que alimentavam o imaginário da sociedade brasileira da época.

Após mergulhar no universo poético de Oswald de Andrade, figura modernista de grande importância no cenário literário brasileiro, evidenciamos sua grandiosidade e importância enquanto propagador da cultura nacional. O estudo de sua poética reflete sua autenticidade enquanto escritor brasileiro, transgredindo normas, devorando as características artísticas do outro e reconfigurando-a como autonomia artístico-literária nacional.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Oswald de. **Obras completas**, Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- ANDRADE, Oswald de. **Literatura Comentada**: textos selecionados, análise histórico-literária, biografia e atividade de compreensão de texto/seleção de textos Jorge Schwartz. São Paulo: Abril Educação, 1980.
- ANDRADE, Oswald de. **Manifesto Antropófago**. In: Revista de Antropofagia. Reedição da Revista Literária publicada em São Paulo – 1ª e 2ª edições – 1928-1929.
- ARENDT, Hannah. Tradução de Roberto Raposo. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- DANTAS, Vinicius. **Oswald de Andrade e a poesia**. Disponível em [http://novosestudios.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/64/20080624\\_a\\_poesia\\_de\\_oswald.pdf](http://novosestudios.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/64/20080624_a_poesia_de_oswald.pdf). Acesso em 28 mar 2017, às 13h45min.
- NEVES, Laílson Braga Baeta. **Direito e arte: o movimento antropofágico e o direito brasileiro**. Disponível em <http://www.domtotal.com/direito/uploads/pdf/4bad766e39e2eaad75c476e926e82aa6.pdf>. Acesso em 28 mar 2017, às 13h52min.
- FAUSTO, Carlos. Cinco séculos de carne de vaca: Antropofagia Literal e Antropofagia Literária. In: RUFFINELLI, Jorge; ROCHA, João Cezar de Castro (Orgs). **Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena**. São Paulo: É Realizações, 2011.
- FREUD, Sigmund. **O Estranho**. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1974.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.